

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ IFPR - CAMPUS CURITIBA
A RELAÇÃO PROFESSORA E ESTUDANTE E SUA INFLUÊNCIA NO
PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM

Suellen de Lima Soriani¹
Iara Aquino Henn²

Resumo

A afetividade na sala de aula tem sido considerada uma relação fundamental, pois através dela é possível alcançar com êxito resultados satisfatórios no que diz respeito à aprendizagem. Diante disso, esse estudo tem por objetivo ressaltar a afetividade como agente facilitador do processo ensino-aprendizagem. A pesquisa baseia-se teoricamente nas obras de Camargo (2003), Galvão (1995) e Freire (1996). Essas leituras ajudam a entender que a tarefa da professora é mediar o processo de aprendizagem de seus estudantes através da motivação, do entusiasmo e da afetividade. A partir das análises feitas utilizando-se o método utilizado para esse artigo é a pesquisa bibliográfica, utilizando livros e artigos relacionados ao tema. Com o intuito de reunir as informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta e definindo-se como eixos temáticos a serem desenvolvidos: A influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem; Autonomia e afetividade segundo Paulo Freire. A influência que os professores exercem sobre seus estudantes é de vital importância para o crescimento social, cognitivo e emocional dos mesmos e sendo assim, é necessário que a professora tenha consciência da importância dessa relação na vida dos estudantes. Percebe-se hoje com frequência, problemas sociais causados por dificuldades afetivas. E diante disso a escola assume um papel fundamental na vida do indivíduo, e assim, tornando parte da mesma. Mas de que forma uma professora pode contribuir para essa construção? A sala de aula é um espaço que também deve ser utilizado para transmissão de certos valores como: respeito, amor ao próximo, verdade, justiça e outros. A professora tem a oportunidade de cultivar em seus estudantes tais valores, a fim de construir uma sociedade mais justa, humana e feliz. É importante também que o conhecimento seja construído de uma forma prazerosa. Professores e estudantes precisam sentir prazer pelo que fazem para que a aprendizagem aconteça com entusiasmo e motivação. Cada progresso do estudante deve ser destacado e valorizado a fim de que este se sinta sempre motivado a buscar, a cada dia mais, novos ideais. Os educadores devem ter em mente que os conteúdos apresentados aos seus estudantes poderão até ser esquecidos, porém, os valores conquistados nessa relação acompanharão o estudante por toda sua vida.

Palavras-chaves: Afeto, Motivação, Valorização, Rendimento Escolar e aprendizagem.

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia do IFPR - Campus Curitiba. E-mail: suellen.soriani@gmail.com. Ano 2022

² Doutora em Antropologia Social e professora no colegiado de Pedagogia IFPR - Campus Curitiba. E-mail: iara.henn@ifpr.edu.br.

Introdução

A crença de que a aprendizagem é social, mediada por elementos culturais, produz um novo olhar para as práticas pedagógicas. A preocupação que se tinha com o "o que ensinar" (os conteúdos dos componentes curriculares), começa a ser articulada com o "como ensinar" (a forma de, as maneiras, os modos).

Observa-se que os distanciamentos entre a professora e estudante e a falta de afetividade têm causado consequências, pois gera interferências no processo de aprendizagem. Em decorrência disso, a afetividade é um agente facilitador do processo ensino-aprendizagem? Além da aprendizagem, quais os benefícios do vínculo entre professor e estudante?

Camargo, (2004, p. 120).

Durante o processo de aprendizagem, quando o aluno já tem um objetivo e uma necessidade para realizar determinada atividade, ou seja, tem um motivo, ele percebe-se capaz ou não de realizar a ação. Portanto, a representação que tem de si, seu autoconceito, vai ser determinante nesta atividade. Um autoconceito negativo é bloqueador da atividade, por não conter as condições necessárias à sua realização. Para se mover, mobilizar-se para ação, o indivíduo precisa ter um autoconhecimento positivo em relação a esta afetividade.

A professora inicia o processo de ensino e aprendizagem e nele prossegue. Evidentemente essa é uma dos papéis mais importantes desempenhados pelo professor: construir o interesse do estudante no que está fazendo e nas aprendizagens que vai apropriando-se. É uma tarefa que requer grande dedicação, pois é ele, a professora, que mediará o conhecimento aos estudantes.

A escolha do tema se dá pela razão de que geralmente a presença afetiva no âmbito escolar não é muito valorizada. Acreditando, portanto, que se pode desencadear uma melhora na aprendizagem a partir do momento que as relações afetivas entre professora e estudante forem mais valorizadas, essa pesquisa visa destacar a afetividade como um agente facilitador do processo ensino-aprendizagem.

Sabe-se que a principal tarefa da professora é a de facilitar a aprendizagem de seus estudantes, porém muitos educadores desconhecem a importância do vínculo afetivo na construção dos conhecimentos, conceitos e valores. Se à tarefa de educar for acrescentada motivação, entusiasmo e afetividade, essa aprendizagem ocorrerá de forma muito melhor.

Desta forma, justifica-se que a escola que se preocupa com seus estudantes

valorizando suas ideias, pensamentos e sentimentos dedicando a eles tempo para conquista de uma boa relação afetiva tornando-o um local de acolhimento e segurança e não apenas de educação.

A contribuição que a afetividade exerce no aprendizado do estudante e no seu desenvolvimento cognitivo e social, é evidente que essa ligação entre afetividade e a aprendizagem permite que a prática se torne efetiva no processo de ensinar e aprender. Interligar a afetividade com os métodos de ensino faz destacar a necessidade de trazer para o ambiente escolar uma convivência agradável entre todos os que nele estão envolvidos, contribuindo para a formação integral da criança, porque na escola o estudante se relaciona afetivamente com outros colegas e professores, o que nos estimula a refletir a necessidade da discussão sobre esse tema na ação pedagógica como facilitador do processo do ensino, despertando no estudante a motivação, a segurança e a melhora no seu desempenho escolar, a partir de atividades e atitudes que direcionam a um maior conhecimento do estudante e de sua realidade.

O método utilizado para esse artigo é a pesquisa bibliográfica, utilizando livros e artigos relacionados ao tema. Com o intuito de reunir as informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta. Segundo Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Nesse sentido, compreende-se que a pesquisa bibliográfica poderá ser utilizada para um estudo exploratório sobre a temática, entretanto também oportuniza aprofundamento conforme os procedimentos e objetivos definidos.

Quando a professora se dispõe de sentimentos como afeto, alegria e acolhimento, o educando, embora vivendo em outros espaços sociais, percebe tais sentimentos e a ação da escola passa a ter uma marcante influência sobre ele. Quando isso não ocorre, ou seja, quando o professor não se disponibiliza a acolher e a aceitar seus estudantes com suas características e diferenças próprias, estes

difícilmente se sentirão à vontade de expressar suas idéias e opiniões, dificultando a sua interação no ambiente escolar.

As professoras podem contribuir para o bloqueio da caminhada escolar e da vida do estudante, pois tudo vai depender da relação que a professora desenvolve em sala de aula, ajudando a "abrir" ou a "fechar" os caminhos da apropriação do conhecimento e do prazer de aprender. Para Camargo (2004 p. 130).

A capacidade de aprender é bloqueada e eles sofrem por não poder se dedicar a uma atividade intelectual com a intensidade desejada. Eles tentam dedicar-se, mas chegam apenas a resultados decepcionantes, sentem-se bloqueados diante da tarefa a cumprir; em desespero, tentam em vão recomeçar, mas é como se um outro eu estivesse julgando sua capacidade de realização ou planejamento. Isto leva, durante a atividade, a um estado de tensão angustiante acompanhado, geralmente, de fadiga e desconforto, que aumentam sempre que retornam à atividade. Por vezes, eles se refugiam no devaneio, fogem da realidade e apresentam um ar ausente.

A professora que reconhece o progresso de seus estudantes construindo a autoconfiança e mantendo uma atitude de cordialidade e respeito, estimula-os à curiosidade e ao interesse, criando um clima de confiança e satisfação. Quando o educador mantém uma relação aberta com seus estudantes facilita a aprendizagem e conseqüentemente desenvolve uma docência mais eficaz.

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Na perspectiva de Wallon Galvão cita, essa seção tem por objetivo analisar a influência das relações afetivas no processo de ensino-aprendizagem. O desenvolvimento humano consiste em várias fases que são interligadas e dependentes umas das outras e a cada etapa desse desenvolvimento são caracterizados pelas necessidades, interesses e influências que são construídas desde a infância. (Galvão, 1995 p. 40)

Esse processo de desenvolvimento é inerentes ao espaço, cultura, linguagem e conhecimento em que o homem está inserido. E todo esse processo de aprendizagem se inicia desde da infância, quando recebe-se estímulos externos, interagindo de formas diferentes e construindo suas características e se modificando em conjunto com espaço e tempo, ou seja, todos somos conduzidos, formados e modificados constantemente, nem o ambiente e o homem permanecem iguais. Segundo Galvão, (1995, página 40).

A determinação recíproca que se estabelece entre as condutas da criança e os recursos de seu meio imprime um caráter de extrema relatividade ao processo de desenvolvimento. Não obstante esta permeabilidade às influências do ambiente e da cultura, o desenvolvimento tem uma dinâmica e um ritmo próprios, resultantes da atuação de princípios funcionais que agem como uma espécie de leis constantes.

Diante disso, o desenvolvimento é reflexo dos conflitos em que a criança tem com ambiente externo, entre os estágios sensório-motor que produz autonomia, função simbólica e linguagem, interações sociais onde a criança produz o interesse pelo outro, e a afetividade se tornar predominante nas diferentes fases construindo laços, onde há os progressos cognitivos. Usando como referência Wallon Galvão cita:

[...]a momentos predominantemente afetivos, isto é, subjetivos e de acúmulo de energia, sucedem outros que são predominantemente cognitivos, isto é, objetivos e de dispêndio de energia. É o que Wallon chama de predominância funcional. O predomínio do caráter intelectual corresponde às etapas em que a ênfase está na elaboração do real e no conhecimento do mundo físico. A dominância do caráter afetivo e, conseqüentemente, das relações com o mundo humano, correspondem às etapas que se prestam à construção do eu.(Galvão, 1995 p. 40).

Ao definirmos a importância da afetividade na construção e no desenvolvimento da criança, não podemos deixar de atribuir a educação como provedor a o acesso ao conhecimento científico e cultural e o processo de humanização. Isso implica em novo desafio. Vygotski (1996 p.), expõe os processos que se desenvolvem no psicológico, iniciam-se desde da sua história e interdependência. Ele propõe a dependência de cada uma das funções psíquicas no desenvolvimento da personalidade humana, evidenciando que possui diferenças significativas nos processos afetivos quando comparamos criança e adulto. Vigotski, afirma que esses processos sofrem mudanças qualitativas à medida que o sujeito progride no desenvolvimento das demais funções psíquicas, como a percepção, a atenção, a memória, o pensamento, a linguagem e a vontade. Para Vygotsky, então, as funções psicológicas superiores do homem são construídas a partir de suas relações com o meio externo.

Na concepção de Loos et al (2010), a afetividade é resultado das relações e conflitos que o ser humano constroem no decorrer da sua a vida e é preciso a interação para se criar vínculos de afinidade o que faz parte do seu processo educativo sendo assim, a afetividade não pode ser ignorada na construção do seu existir, logo, afetividade está ligada a racionalidade e a sensibilidade. Loos et all (2010), diz:

A razão é o resultado da essência do sentido de afetividade— o que resulta do encontro/conflicto entre os fenômenos existenciais— que impera no mundo(realidade). Mas que fique claro: não se trata exatamente da afetividade pensada no caráter das sensações corpóreas e materiais das relações sociais humanas – se bem que essa é, ainda, uma realização dessa essência –; é a afetividade que brota das relações, isto é, aquilo que surge no que, segundo a percepção humana, é chamado de espaço, ou seja, na extensão das possibilidades da realidade. Se aqui fosse usada a mesma convenção de Schopenhauer, dir-se-ia Afetividade, no caso da realidade integral, e Afetividade, no caso das relações sociais humanas.

Não existe outra forma de se construir afetividade senão, construindo a relação professor e estudante, nessa perspectiva, precisa ser constantemente revista. O estudante como personagem principal no processo ensino-aprendizagem, deve ser visto como alguém que, se não sabe, é capaz de aprender. Quando o estudante se sente seguro em conhecer e fazer descobertas, quando o trabalho escolar tem sentido para ele, ele passa a experimentar o prazer pelo conhecimento.

Cabe ao professora manter-se atento à série de descobertas feitas pelas crianças, possibilitando-lhes o máximo de oportunidades de aprender, dando atenção a cada um dos estudantes, encorajando-os a construir e a se conhecerem melhor. O incentivo para que os estudantes desenvolvam o processo de aprendizagem deve ser uma das atribuições da professora que desenvolve a relação entre a cognição e a afetividade de forma dinâmica.

Ao compreendermos a necessidade de uma relação afetuosa entre o estudante e seu meio externo trazemos para o ambiente escolar onde se faz necessário uma relação segura para o desenvolvimento cognitivo do estudante. Quando a professora se importa e se preocupa com o seu estudante, demonstra a ele os seus sentimentos e este, por sua vez, sentindo-se valorizado e importante terá mais prazer e conseqüentemente isso contribuirá para a sua aprendizagem. Talvez o estudante tenha chegado ao professor frio, vazio, indiferente e descrente, mas ao perceber tais sentimentos sente-se estimulado a aprender. Existem caminhos a serem percorridos juntos até que o educando compreenda que a relação afetiva estabelecida na escola é de fundamental importância. Freire (1996, p. 96) aponta que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

A relação professor e estudante é marcada por um envolvimento emocional pelo fato de a convivência ser estreita e frequente e por esse motivo, é difícil manter o distanciamento emocional ou a indiferença.

A relação afetiva favorece no aprendizado dos estudantes, trazendo para os professores a satisfação pessoal e profissional. Segundo ROSSINI (2001,p.9) "as crianças que possuem uma boa relação afetiva são seguras, têm interesse pelo mundo que as cerca, compreendem melhor a realidade e apresentam melhor desenvolvimento intelectual".

Observa-se que há diferentes formas de se trabalhar de um docentes, uns são mais comunicativos e outros mais reservados. E o modo de agir da professora em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos estudantes, fundamenta-se numa determinada concepção do papel da professora, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade.

Diante deste contexto, a qualidade do ensino não pode depender somente da atuação dos professores. É necessária a participação efetiva e conjunta da escola, junto da família, do estudante e profissionais ligados à educação, de forma que a professora também entenda que o estudante não é um sujeito somente receptor dos conhecimentos. Sobre os diferentes características de docentes Freire (1996) diz que:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. Daí a importância do exemplo que o professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres. (FREIRE, 1996, p.66)

Nas práticas de educação com base na pedagogia tradicional, o autoritarismo promove o distanciamento entre professor e estudante, torna a sala de aula um ambiente não propício para a aprendizagem, o estudante se sente coagido a perguntar ou demonstrar o que sente. Essa relação pedagógica rígida do docente ao tentar impor respeito, limites e disciplina acaba interferindo na aprendizagem do estudante. A professora que busca ser empático com seu estudante, tem maior facilidade em conquistar o respeito e por consequência eficácia em ensinar e o estudante a aprender.

Segundo Freire (1996):

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, à coragem de querer bem aos educadores e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que porque professor, me obrigo a querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (FREIRE, 1996, p 89).

Quando o educador se dispõe de sentimentos como afeto, alegria e acolhimento, o educando, embora vivendo em outros espaços sociais, percebe tais sentimentos e a ação da escola passa a ter uma marcante influência sobre ele. Quando isso não ocorre, ou seja, quando o educador não se disponibiliza a acolher, espaço de falas e a aceitar os estudantes com suas características e diferenças, eles dificilmente se sentirão à vontade de expressar suas ideias e opiniões, dificultando a sua interação no ambiente escolar. Nesse sentido, (Piaget, 1962/1994, p.129) acredita ser:

“ [...] indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente.”

A aprendizagem não é somente um processo meramente cognitivo ou intelectual, e o modo como os nossos estudantes se sentem, influi de maneira significativa na apropriação de seus conhecimentos.

Ao se sentir aceito e satisfeito no ambiente em que estuda, certamente o estudante se sentirá mais estimulado a aprender os conteúdos trabalhados na escola. Por isso, essa dimensão emocional, não pode ser ignorada porque se sabe que através dela ocorre o aprendizado de certas matérias.

De acordo com Camargo: (2004 p. 45).

Na sala de aula, com frequência aparecem alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem de conteúdos e disciplinas. Eles formam um grupo bastante heterogêneo, pois expressam diversas dificuldades. Os alunos que fazem parte deste grupo são diagnosticados pelos

psicopedagogos como apresentando uma inteligência normal, por acuidade sensorial, auditiva e visual adequadas e por um perfil motor também adequado; não apresentam evidência de perturbações emocionais ou motoras severas.

Dentro desse contexto, os estudantes que apresentam dificuldades nos processos simbólicos são evidenciados na fala, escrita e no cálculo. Como explica Camargo (2004, pág. 45), as emoções interferem no processo de aprendizagem que não somente disfunções neurológicas. Sendo assim, a importância de uma professora preocupada em desenvolver uma prática educativa significativa com o estudante, que crie e intensifique o desejo de aprender, que acredite na capacidade que o estudante possui de transformação, criação, descoberta e crescimento. Tem que considerar que cada estudante traz consigo uma riqueza de experiências, conhecimentos e possibilidades, que dadas às oportunidades, vão se revelando ao longo do processo, na construção do seu próprio conhecimento.

Ainda, no contexto da pedagogia crítica, faz-se importante a relação afetiva como promotora de diálogo, humanização e emancipação que sejam interligadas com relação afetiva. E o diálogo é uma categoria eminente humana e é essencial que o professor saiba dialogar e ouvir os estudantes, permitir a interação no grupo, saber respeitá-la e tirar proveito das relações que ali se estabelecem para garantir que a aprendizagem aconteça, trabalhar com as necessidades dos estudantes e, a partir delas, provocar novas vivências. A significância do assunto e da atividade a ser desenvolvida é essencial para aprendizagem, pois é o que chama para a vontade de aprender, condições básicas ao aprendizado. Para (FREIRE, 1980, p.42)

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” .

Portanto, o diálogo entre o professor e o estudante é essencial para construção da aprendizagem e desenvolvimento do estudante, já que o professor é o mediador do conhecimento. Diminuindo a insegurança, o estudante tem o diálogo como ponto central enquanto está aprendendo, e o professor e estudante se tornam seres atuantes, igualmente importantes neste processo. É através da dialogicidade que ocorre a conscientização dos educandos, é desta forma pela qual o professor demonstra respeito pelo estudante facilitando a convivência e tornando

o ensino eficaz e prazeroso. Para (FREIRE, 1987, p. 45).

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. .

Desse modo, a intenção de dialogar em uma sala de aula é expor ponto de vista, trocar informação, não somente depositar conteúdos nos seus estudantes. E é nesse momento que o diálogo também oportuniza o professor obter conhecimentos prévios dos estudantes, da cultura da região onde a escola está inserida, as dificuldades e assim, alcançando maior êxito na aplicação das práticas e por consequência o desenvolvimento dos estudantes.

AUTONOMIA E AFETIVIDADE NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

A professora tem o papel de promover e planejar estratégias que desenvolvam a atenção, a memória, raciocínio e o bem estar em um ambiente de pluralidade. E tudo isso de maneira simples e carinhosa para que a criança tenha uma adaptação e desenvolvimento dentro da escola. É importante enfatizar para os educadores e pais, que oferecem tudo o que for necessário para seu desenvolvimento. Permitindo situações que gerem conhecimentos, que explorem materiais concretos e muita conversa de forma agradável entre crianças e adultos.

A professora precisa ser transformadora, transmitir conhecimentos e tornar o ambiente de aprendizagem um lugar onde as crianças queiram estar, que elas consigam interagir de forma natural e espontânea umas com outras, a professora precisa criar situações que facilitem a socialização entre elas.

A criança precisa de um ambiente escolar que ofereça de forma natural e sincera carinho, segurança, confiança, incentivo, elogios e limites. Com todos esses cuidados fica mais fácil a interação entre o professor e a criança e facilita também o vínculo que é muito importante e desenvolve a valorização da relação interpessoal. Freire (1996) afirma que a educação é um ato de amor e de coragem. Essa perspectiva aborda a relação de ensino aprendizagem no cotidiano da sala de aula ao saber ouvir, acolher, aceitar, encorajar, compreender, respeitar e dar liberdade para que o outro também possa contribuir da melhor maneira as emoções e conseqüentemente desenvolver-se plenamente.

Há estudantes que ao mudarem de série passam a gostar mais ou menos de um determinado componente curricular, mudando até o seu desempenho escolar. Por que razão isso acontece?

Considera-se que não é o conteúdo ensinado o único fator responsável por essa mudança. Talvez a troca da professora também tenha influência? Essas questões nos remete a pensar se o aprendizado está constantemente nas relações afetivas.

A afetividade torna a escola prazerosa fazendo com que a criança se sinta feliz, passando a gostar do que faz e procurando ter uma convivência humana e solidária. Paulo Freire (1996) acredita também que, independentemente da fase de escolaridade em que o estudante se encontra, faz-se necessário que o educador respeite os saberes já constituídos pelos educandos ao longo da sua vida escolar.

A professora, que assume a educação como prática social transformadora e democrática, interage com os seus estudantes no sentido de torná-los críticos acerca da realidade que os envolve, segundo Freire (1997) estará contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e apostando numa sociedade diferente. Para Freire (1996, p.33).

Pensar certo coloca ao professor, ou mais amplamente à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária- mas também [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos

Para Freire (1996) ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. O educador deve estar disposto a aceitar o novo livrando-se de qualquer tipo de preconceito. Em uma prática pedagógica democrática não há espaços para preconceitos de raça, classe ou gênero, mas torna-se imprescindível uma atitude de aceitação para que o educando se sinta acolhido e aceito.

O estudante precisa perceber que as suas diferenças não o fazem inferior a ninguém, mas que essas diferenças são aceitas e respeitadas pelo grupo. A interação humana não é neutra e é importante que o estudante perceba que os educadores se interessam pelo que sentem e pelo que pensam e que não são indiferentes aos seus sentimentos.

Paulo Freire (1996, p.38) ressalta que "ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo", ou seja, muitas vezes, os educadores, representam um

modelo para os estudantes e desta forma, as palavras precisam estar de acordo com as suas ações, para que possam realmente ser bons referencias para eles, Pensar certo é fazer certo e a postura exercida pelo educador pode, em muitos momentos, ensinar muito mais do que muitas palavras.

Freire (1996, p.43) também afirma que "ensinar exige respeito à autonomia do educando". Respeitar a autonomia e a dignidade de cada um faz parte da ética e não apenas um favor que podemos ou não conceder ao outro. A professora deve respeitar a curiosidade do educando, bem como seus gostos e a sua linguagem. A professora que ironiza um estudante, que não o respeita enquanto ser humano, tanto quanto a professora que não cumpre o seu dever de ensinar, transgride os princípios éticos de nossa existência. Para Freire (1996, p.67).

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. Saber que devo respeitar a autonomia e a identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber.

Freire (1996, p.73) diz que "o respeito de vida à dignidade do educando não me permite subestimá-lo ou, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola", porém essa prática democrática tanto defendida pelo autor, exige do professor uma reflexão crítica permanente sobre a sua prática educativa.

Freire (1996), afirma que o ideal é que cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação para que o educador possa repensar a sua prática.

A avaliação desta prática também exigirá do educador o respeito a autonomia, a dignidade, a identidade do educando, e respeitar essa dignidade requer tratá-lo sem ironias, discriminação e arrogância.

O modo como o professor exerce a sua prática educativa revelará aos seus estudantes um modo como ele realmente é, e a partir desse exemplo muitos professores são rotulados por seus estudantes como: autoritário, competente ou incompetente, amoroso ou apático, frio, sério, racionalista, burocrático e etc. Deve-se lembrar que todos esses "exemplos" de professores, ainda que bem conceituados ou não, não passam de forma alguma pela vida dos educandos sem deixarem suas marcas. Daí a importância de uma prática consciente e responsável.

Morales (2003) cita em sua obra, que alguns professores mencionam que na sala de aula limitam-se a ensinar. Esse pensamento remete-se ao fato de que nem sempre os professores pensam na importância da relação afetiva mantida entre eles e os estudantes e que se este pensamento se desse de outra forma, constata um leque de possibilidades no nível de melhorar a aprendizagem desses estudantes.

É necessário aprender a compreender a significação de um silêncio ou de um sorriso, o tom mais ou menos correto de uma pergunta. A relação afetiva é permeada pelos gestos corporais e pelas expressões. As emoções básicas como amor, ódio, tristeza, alegria ou medo, direcionam o comportamento do indivíduo para buscar ou evitar o contato de outras experiências ou de certas pessoas. A comunicação e a expressividade também incluem a dimensão afetiva. O sorriso, a lágrima, gritos, um olhar ou um rosto fechado indicam os sentimentos de uma pessoa. Sendo assim, percebe-se que o espaço pedagógico deve ser constantemente analisado e interpretado, e se for preciso, reestruturado.

Desta forma, quanto melhor for a relação entre educador e educando, ou seja, se a afetividade for um sentimento existente nessa relação, maior serão as possibilidades de uma aprendizagem democrática e eficaz de relacionamento e afeto. A educação frutifica através do relacionamento e do afeto. Um grande agente facilitador nessa relação afetiva é o saber escutar. Quando escuto o outro aprendo a falar com ele e não com ele.

A professora que se comporta como proprietário da verdade não se permitindo escutar o que os estudantes têm a dizer, nunca dará a ele o direito de se expressar, mas ao contrário, o educador democrático que aprende a falar escutando seus estudantes, dando a eles a oportunidade de se expressarem.

Freire(1996), também acredita que escutar significa disponibilidade à falta do outro e isso nada me diminui, pelo contrário,é escutando bem que me preparo melhor para colocar as minhas idéias e é a partir dessa escuta que me torno capaz de aceitar e escutar as diferenças de cada um.

No último capítulo do livro mencionado (Pedagogia da autonomia) que tem como título "ensinar exige querer bem aos educandos" Paulo Freire (1996, p.103) deixa claro como a afetividade e a prática pedagógica devem caminhar lado a lado.

Infelizmente, alguns educadores ainda fazem a separação entre seriedade docente e afetividade, acreditando não ser possível que ambas caminhem juntas, talvez por temerem que a relação afetiva construída com o estudante poderá interferir no exercício de sua autoridade. Freire (1996, p.165) afirma:

Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade, diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente.

A conquista da afetividade não quer dizer que a professora tenha que ser "adocicada", porém, é importante se fazer essa reflexão sobre a afetividade sobre a diferença de uma professora que preocupa-se em desenvolver um estudante criativo, crítico e protagonista da sua formação. Afetividade, engloba uma série de fatores, mas além da professora que "mima" seus alunos existe a professora co-participa do sucesso da formação do estudante. A relação existente dentro de uma sala de aula não deve ser reduzida a uma relação humana calorosa, porém não há como transformá-la simplesmente a uma fria relação didática.

Freire (1996, p. 163) relata que "a afetividade docente, de que a discente não se separa, é uma experiência alegre por natureza" e que não podemos acreditar que rigorosidade docente e alegria não podem caminhar juntas, mas ao contrário quanto mais buscamos rigorosidade em nossa docência, mas alegre e esperançosos nos sentimos em praticá-la.

Não se pode acreditar que uma prática educativa vivida com afetividade e alegria seja capaz de influenciar negativamente uma formação científica séria. Freire (1996, p.161) afirma que "a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje".

Não importa com que faixa etária trabalhe o educador, o que se deve ter em mente é que trabalhamos com gente, criança ou adulta, mas gente, dotada de sentimentos e emoções e que necessitam muitas vezes de nosso respeito e de nosso afeto para se abrirem para o mundo da aprendizagem.

Considerações finais

O objetivo inicial do estudo é o de refletir sobre a influência da afetividade no processo ensino-aprendizagem na vida do ser humano. Com a intenção de traçar caminhos que permitisse investigar a relação entre o afetivo e o cognitivo no contexto escolar, o estudo foi realizado tendo como eixos: A influência da afetividade

no processo ensino-aprendizagem; Autonomia e afetividade na perspectiva segundo Paulo Freire; A pedagogia afetiva e sua contribuição na vida do estudante.

Esse estudo mostrou a partir da pesquisa bibliográfica que, falar de afetividade e aprendizagem é falar da essência da vida humana, que por sua natureza social, se constrói na relação do sujeito com os outros sujeitos, num contexto de inter-relação. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidades, nem motivação, conseqüentemente perguntas ou problemas nunca seriam colocados. Sendo assim, os alunos que possuem uma boa relação afetiva com seus professores apresentam um melhor rendimento escolar.

O vínculo afetivo estabelecido entre o estudante e professor é um fator muito valioso para a aprendizagem. O estudante quando se sente querido e valorizado possui muito mais prazer em participar das aulas e conseqüentemente apresentará um aproveitamento escolar mais satisfatório. A professora que respeita seu estudante e valoriza suas idéias, possibilita a ele a oportunidade de se aproximar e conquistar o seu espaço no ambiente escolar.

Refletir sobre a importância de uma educação baseada no amor e no respeito ao aluno exige um educador competente, sensível, que seja capaz de encorajar o aluno diante das dificuldades através de um olhar carinhoso e atento.

Em uma sociedade como a nossa, apesar do avanço tecnológico e do crescente número de fontes de informação, a escola continua sendo uma instituição muito importante e se constitui, cada vez mais, no lugar onde se desenvolve grande parte das atividades dos alunos, por isso os processos de intervenção pedagógica são fundamentais na definição do percurso do desenvolvimento dos estudantes .

A escola precisa entender que um ensino bem sucedido não se reduz à assimilação dos conteúdos transmitidos. Preservar interesses, entender necessidades e tratar cada aluno de forma individualizada e com carinho devem ser aspectos centrais no processo ensino-aprendizagem. O ambiente acolhedor também favorece ao aluno uma maior probabilidade de êxito no decorrer deste processo.

Os educadores têm que refletir que não há prática educativa coerente se não houver inconformidade, dado à própria palavra "educação", de acordo com Cortella (2000) significa conduzir para um lugar diferente daquele em que se está.

O professor deve ter consciência de que sempre haverá muito a aprender, pois como muito bem disse Paulo Freire (1996, p.59) "...inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele".

REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010
- CAMARGO, Denise. As Emoções e a Escola. Curitiba, PR. Travessas dos Editores, 2004.
- CORTELA. M. S. Humanidade, Cultura e Conhecimento. In: A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, Paulo (1967). Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. Essa escola é chamada vida. São Paulo: Paz e Terra, 1977
- FREIRE, Paulo Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Terra e Paz, 1987.
- Galvão, Izabel Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil / Izabel Galvão. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SANT'ANA, R. S.; LOOS, H.; CEBULSKI, M. C. Afetividade, cognição e educação: ensaio acerca da demarcação de fronteiras entre os conceitos e a dificuldade de ser do homem. 2010 Editora UFPR
- <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000100009>
- MORALES, Pedro. A relação professor aluno. 4º edição. São Paulo: Brasil, 2003.
- PIAGET Piaget, J. (1994). La relación del afecto com la inteligencia en el desarrollo mental del niño. In G. Delahanty, & J. Perrés (Eds.), Piaget y el psicoanálisis (pp. 181-289). Universidad Autónoma Metropolitana: Xochimilco. (Trabalho original publicado em 1962).
- Vygotski, L. S. (1996). *Obras escogidas* IV. Madri: Visor

